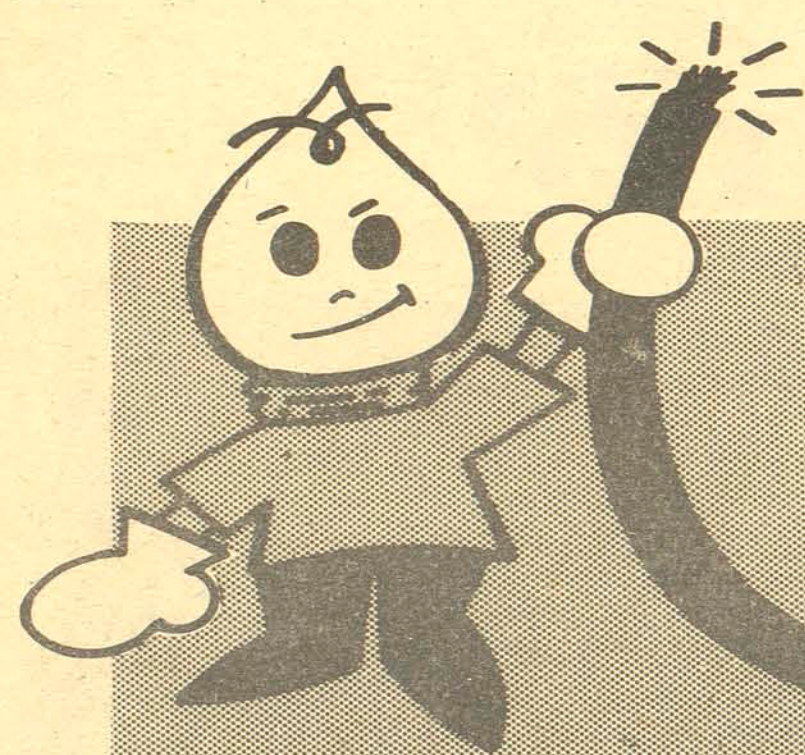




O JORNAL ELETRICITÁRIO

Limpar

RETROSPECTIVA
88

nº 34

Sind. Eletricitários Fpolis/Sind. Eletricitários Tubarão

JORN. RESP. DRT/RS 6166

22/12/88

**Tudo o que mudou
no Sindicato**

Página 3



**O melhor
da conjuntura**

Página 8

Construindo o Futuro

Ao encerrarmos o ano de 1988, é fundamental refletirmos sobre o trabalho realizado até agora, sobre nossa prática enquanto coletivo, buscando colher lições que nos ajudem a traçar os caminhos rumo a um futuro melhor.

Para isso, precisamos lembrar com clareza e honestidade as dificuldades e os desafios com que nos deparamos ao longo do ano.

Os resquícios de autoritarismo e prepotência existentes nas estatais ficaram transparentes para toda a sociedade. O trágico episódio da Companhia Siderúrgica Nacional foi a sua evidência mais viva.

Nessa realidade é imperioso que em 1989 seja travada uma luta sem tréguas para acabar de vez com a hipocrisia enraizada nessas empresas.

A população de uma maneira geral, e os empregados da ELETROSUL e CELESC em particular, insatisfeitos com o presente, dão mostras da consolidação das idéias de que as transformações desejadas dependem centralmente da força coletiva daqueles que compõe a maioria em nosso país.

As ingenuidades e os fantasmas do passado começam a dar lugar à serenidade e à firmeza só possíveis de serem adquiridas na luta pelo que é justo.

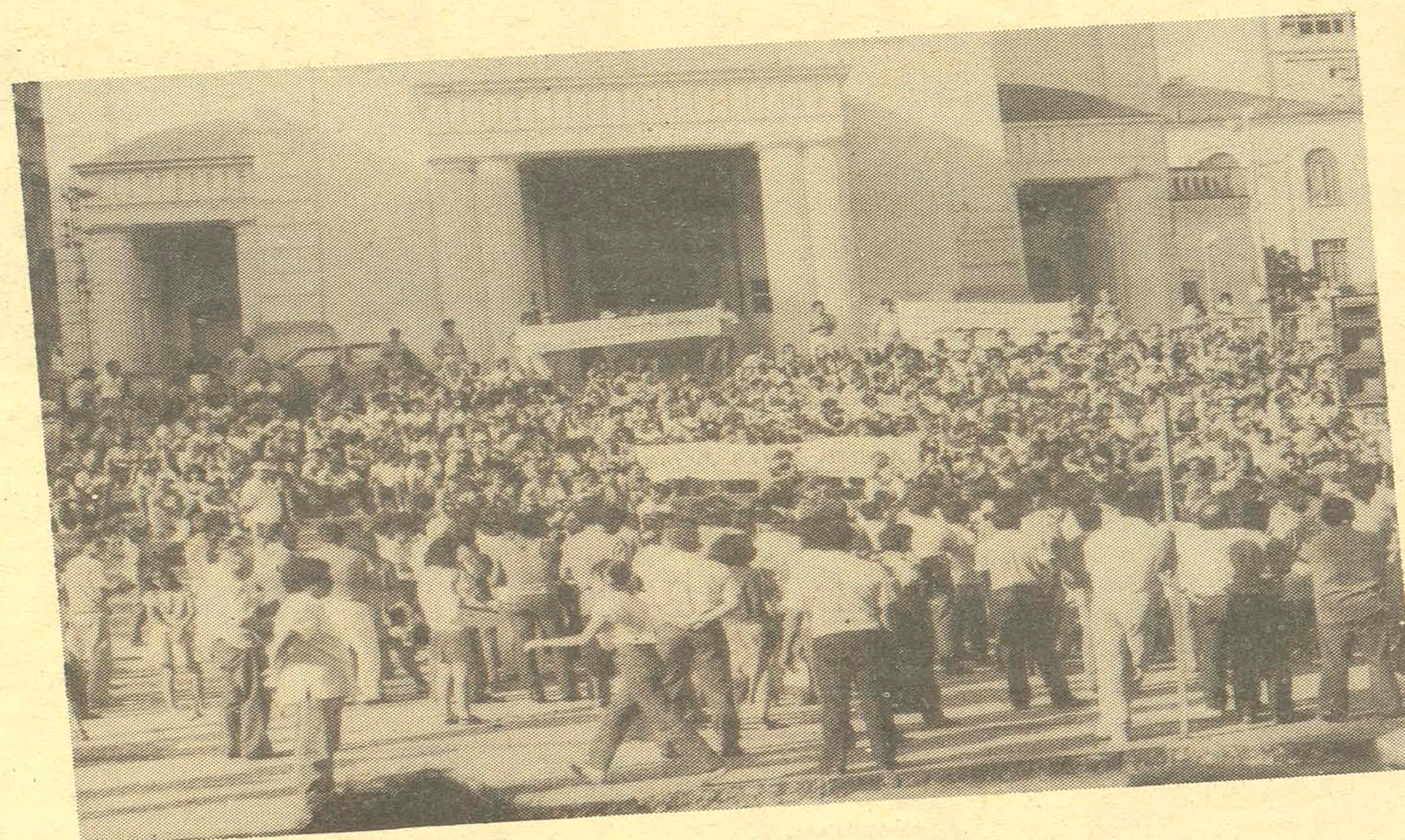
Exemplo disso ocorreu na ELETROSUL na greve de novembro, pois um movimento que dura mais de 30 dias só consegue ser mantido e envolver os mais diversos setores da sociedade quando existe uma forte dose de maturidade, expressa num elevado grau de conscientização.

A fase do individualismo está acabando, e a grande expectativa é chegarmos em 1990 pensando com mais intensidade no coletivo. Para isso, teremos que buscar novas formas de relacionamento, que passam pela afirmação de valores como fraternidade e solidariedade. Valores que se contraponham àqueles gerados por estruturas onde a mediocridade e a mesquinharia são considerados méritos definidores de critérios para a ocupação de postos e cargos na hierarquia de instituições e empresas.

Na afirmação das questões éticas, será possível construir uma base sólida para construirmos um novo Brasil, uma nova sociedade onde cada gesto reflita a solidariedade humana em toda sua intensidade.

Que tudo o que dissemos sirva como uma base para a reflexão de cada um e também como uma mensagem política de esperança e fé que trazemos ao final de um ano onde lutamos juntos e ao alvorecer de um novo ano onde a luta continua.

Mauro G. Passos



Mensagem a todos os Companheiros

*Que eu ouça o tempo todo a tua voz.
Que o tempo todo eu esteja em tuas mãos.
Que eu seja tuas mãos onde eu for.
Que teu amor seja em mim a minha paixão.*

*Que este ano seja melhor do que o que passou.
Que cada dia seja um degrau a mais.
Tudo de bom é o que eu desejo a todos nós.
Sejamos nós responsáveis pela nossa paz.*

*Que o mundo todo aprenda, então, a se amar de fato.
Que o mundo inteiro seja envolto numa forte luz.
Que eu, tu, ele, nós, vós, eles tenham o pé no chão.
E que a cabeça siga o rumo que o coração induz.*

*Que a realização seja um projeto social.
Que a minha alegria esteja junto à sua.
Se lado a lado caminharmos para o mesmo ideal
Cresceremos em fases tão perfeitas como a lua.*

*Que nosso dia-a-dia recheado de pretensões
Que nossa convivência minada de interesses
Seja menos radicalmente perdida em eus
E completamente totalizada por nós.*

*Que as nossas razões sejam sentimentos
Que todos os porques sejam sorrisos
Que eu, tu, ele, nós, vós, eles sejamos um
Que cada um seja todos nós.*

Anselmo Arlotta
Escrito durante a greve de fome
da qual participou o autor

Em 89 estaremos mais fortes

Fim do assistencialismo amplia estrutura da entidade

Na última quinzena de 1987 os eletricitários deram uma inquestionável prova de consciência. Romperam com uma das chagas que o autoritarismo deixou na estrutura sindical: o assistencialismo. Naquela época a realidade colocou duas opções para a categoria: ter o sindicato como entidade de luta ou como mero apêndice do INAMPS. A escolha foi a melhor possível.

A manutenção do assistencialismo (gabinete médico e odontológico e auxílios farmácia e maternidade) exigia que mais de 90% da receita do sindicato fosse destinada a tais serviços. O sindicato ficaria impossibilitado de cumprir a sua função original de organizador dos eletricitários na luta por seus direitos.

Em dois meses todos os serviços foram desativados. Três dos dentistas

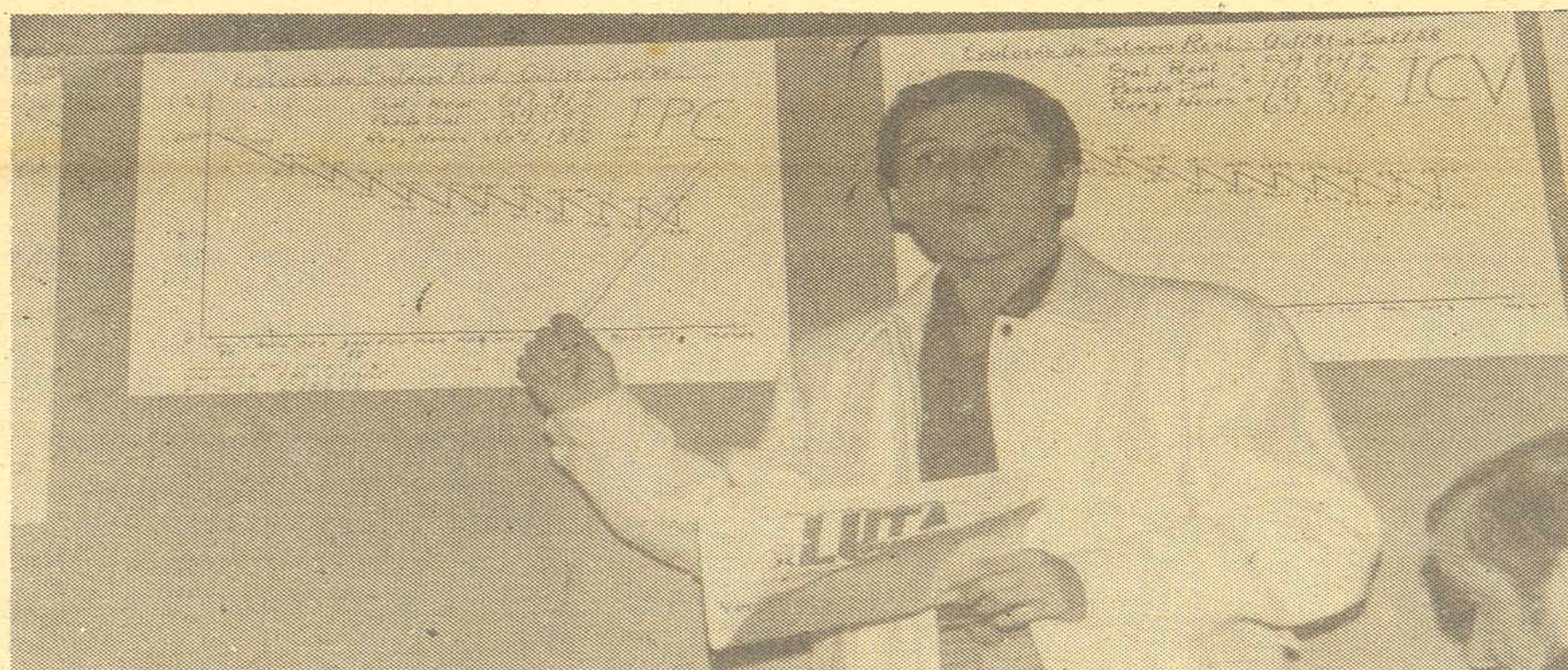
que trabalhavam na entidade compraram os equipamentos odontológicos, e como parte do pagamento firmaram um convênio por dois anos com o sindicato, beneficiando a categoria.

RESULTADOS IMEDIATOS

O fim do assistencialismo permitiu que 1988 fosse um ano em que o sindicato reforçou sua estrutura para enfrentar as "máquinas" das empresas. A criação da LINHA VIVA, a ampliação da assessoria jurídica e a criação de uma sub-seção do DIEESE, além da ampliação dos espaços físicos da sede foram alguns marcos do avanço organizativo.

Rompendo com o assistencialismo a categoria revelou uma concepção de estrutura sindical, afirmando uma velha máxima: **sindicato é pra lutar!**

Sub-seção do DIEESE, mais um instrumento de luta



No dia 23 de maio, numa pequena sala do sindicato, instalava-se a Subseção do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-econômicos). Lá, o economista Sérgio Luiz da Silva ficaria encarregado de prestar assessoria à Intersindical Eletricitária.

Assessorando

Depois de um curso de aperfeiçoamento no DIEESE nacional, em São Paulo, o economista estava pronto para realizar estudos específicos sobre a política salarial das empresas. Durante as Campanhas Salariais o sindicato contava agora com este auxílio para a elaboração da Pauta de Reivindicações, principalmente as cláusulas econômicas, e ainda teria a assessoria nas reuniões de negociação.

Quem não lembra das explicações do Serginho nas Assembléias de elaboração da Pauta? Os gráficos demonstravam a evolução dos

salários, mas era preciso um esclarecimento objetivo para o entendimento de todos aqueles índices. A reboque vinham dados sobre a situação financeira da Empresa e dos empregados.

Atuando

Mas a atuação da Subseção extrapola os períodos de Campanha Salarial. Ela já está inserida no cotidiano da entidade: auxiliando nas discussões sobre conjuntura econômica, elaborando artigos para os boletins e jornais do sindicato e ainda formando um arquivo sobre os empregados — estrutura de emprego e salário, sobre as empresas — balanços dos resultados, e sobre a economia em geral — índices de preços e da atividade econômica.

Esta conquista dos eletricitários veio acompanhada de outras, como o jornal LINHA VIVA, que significaram um apoio concreto à luta da categoria.

A consolidação de um projeto

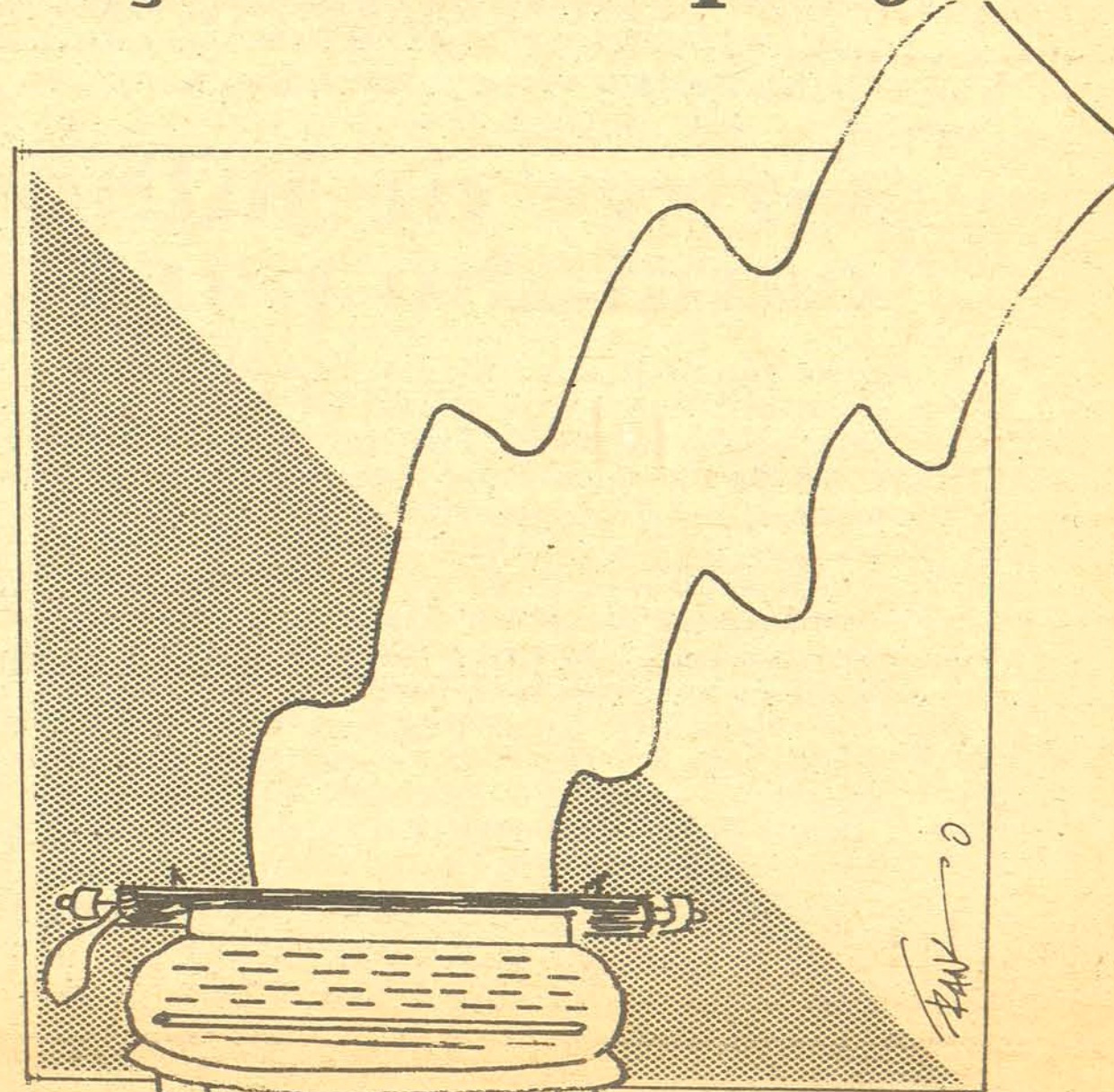
A consolidação de um projeto de Imprensa Sindical é, certamente, um dos principais fatos do ano para os eletricitários. Superando o antigo **INFORMATIVO**, o jornal **LINHA VIVA** já se incorporou ao cotidiano da categoria, um elemento fundamental na organização das lutas.

Um jornal sindical não é apenas uma fonte alternativa de informações, é também um organizador, pois ele marca a presença do Sindicato semanalmente e encaminha para a categoria as principais discussões sobre a luta dos eletricitários e de outras categorias, além de análises sobre questões importantes para a classe trabalhadora.

CONQUISTA

O **LINHA VIVA** é uma conquista da categoria. É um dos poucos veículos da imprensa sindical que mantém uma periodicidade. Para assegurar esta conquista é preciso muito profissionalismo e, por isso, um razoável investimento em material humano e equipamentos.

O departamento de imprensa tem como objetivo fazer do **LINHA VIVA** algo mais do que um "panfleto" do sindicato. A proposta é fazer um jornal mesmo, priorizando a informação como base para a conscientização. O desejo é constituir um canal que leve aos trabalhadores as informações sem as distorções da chamada grande imprensa, a informação vista pela ótica dos trabalhadores, sempre presen-



vando o compromisso com a objetividade e a verdade.

ALÉM DO JORNAL

Mas não foi só um jornal que foi consolidado. Hoje o sindicato conta com uma estrutura de assessoria de imprensa que busca fazer a mediação entre a categoria e os profissionais da grande imprensa. Mais do que isso, o departamento de imprensa pretende desenvolver um projeto de documentação dos movimentos através de recursos como vídeo e outras tecnologias, apesar de não dispor de equipamento próprio e infra-estrutura

adequada.

MODERNIDADE

Uma imprensa sindical ágil e profissional, um esquema eficiente de assessoria de imprensa e um centro de documentação são elementos fundamentais para as entidades sindicais. As empresas utilizam toda uma técnica e uma parafernália de equipamentos para destruir a organização dos trabalhadores. Os sindicatos não podem ficar para trás, têm que enfrentar os desafios da modernidade... ou serão derrotados numa verdadeira "guerra de informação".

A luta na Justiça

Durante o ano de 88 a Assessoria Jurídica do Sindicato não teve folga, foram mais de quatro mil empregados, entre CELESC e ELETROSUL que pediram para entrar com ação trabalhista. Eles foram atendidos por dois advogados: um que diariamente dá plantão das 16 às 18 horas, outro que encaminha as ações no seu escritório.

VITÓRIA

A maior vitória deste ano ficou por conta dos empregados da ELETROSUL na ação da URP: foram

quatro cautelares e dois mil beneficiados. Logo a seguir, aparece a ação de Reintegração dos demitidos, todos que entraram ganharam. Sobre o reconhecimento do vínculo empregatício, há ações vitórias e outras ainda em andamento.

Existem outras ações como o adicional de periculosidade e a ação de cumprimento da Produtividade 84, que estão em andamento. Os 26,06% da ELETROSUL estão em fase de recurso no TRT.

MAIS AÇÕES

Para o ano que vem o

sindicato vai entrar com ações questionando as punições na greve da ELETROSUL: suspensão de dez dias e advertência.

Ninguém pode negar que o saldo de vitórias é muito maior que o de derrotas; só na ação da URP foram mais de dois mil beneficiados. Para o ano que vem tudo indica que os empregados estarão ainda mais preparados para saber o momento de entrar com uma ação, de vencer pressões e lutar pela construção de seus direitos.

Em 89 estaremos mais unidos

Um ano de lutas. E valeu a pena lutar!

Foi um ano de movimentação intensa. Um dos mais agitados para os eletricitários. Greves, mobilizações, denúncias, assembleias, boletins, etc... Falar de cada episódio detalhadamente é uma tarefa quase impossível. Aqui não pretendemos cumprir esta tarefa, mas resgatar a essência de cada momento através de uma avaliação breve que, desejamos, sirva de estímulo para as jornadas que nos esperam.

Greve de julho/agosto abriu caminho para a consciência

O frio de julho foi cortado pelo calor da mobilização na ELETROSUL. Assim que a imprensa noticiou que uma medida "avocatória" suspenderia as sentenças que garantiam o pagamento das URPs de abril e maio, que haviam sido congeladas, foi deflagrada uma greve para garantir um direito, afrontando um dispositivo legal criado pelo regime militar.

Foram dez dias de greve com fatos inéditos: os grevistas assumiram o controle total do sistema elétrico, a usina Jorge Lacerda foi desligada pelos grevistas e um Ministro de Estado interviu no processo para pôr fim à greve.

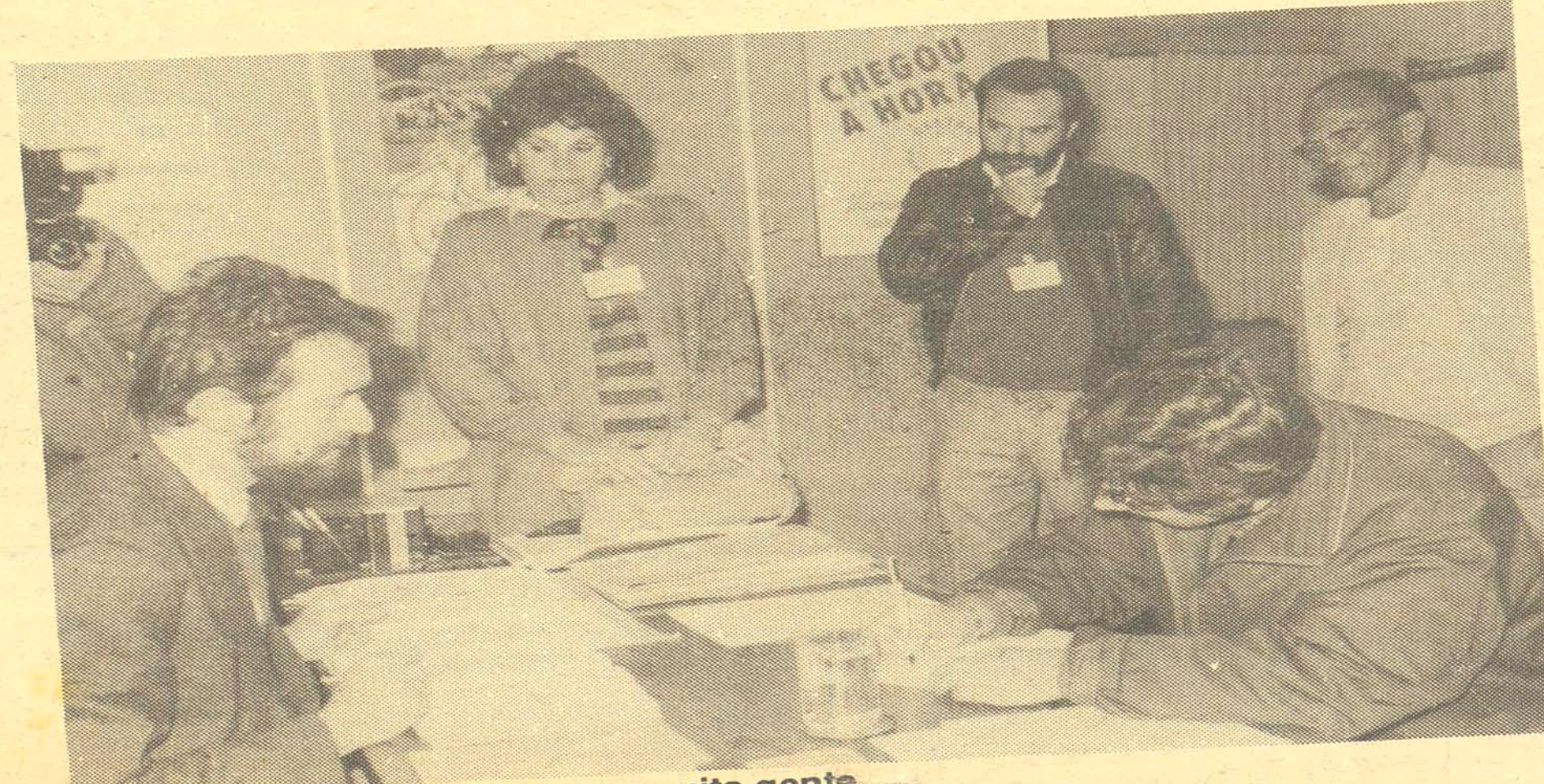
A greve só terminou quando a "avocatória" foi negada na prática por um acordo que garantiu a URP até a data-base.

Foi sem dúvida uma greve histórica, mas hoje podemos ver que ela era algo como "a ponta do iceberg". A união, a consciência, a mobilização e a disposição de luta demonstradas seriam apenas o combustível, para o embate da Campanha Salarial, para outra greve histórica.

A greve do final de julho e início de agosto serviu, sobretudo para indicar o caminho da solidariedade como um atalho para um futuro de dignidade e justiça.



Foi preciso ir pra rua, denunciar publicamente



A CELESC teve que reintegrar muita gente



Na CELESC, o autoritarismo não venceu as consciências

A resistência às pressões e ao autoritarismo foi a marca de 1988 para os empregados da CELESC. Durante todo o ano, e especialmente na campanha salarial, a diretoria da Empresa utilizou os métodos mais condenáveis para fazer valer a sua política, tentando atingir a dignidade de cada eletricitário.

A organização da categoria foi o alvo predileto da Diretoria da CELESC. Durante todo o ano tentaram utilizar as Comissões Mistas para confundir a categoria e subtrair dos sindicatos o seu papel de representantes da categoria.

O sindicato esteve sempre atento para denunciar os desmandos e o arbítrio. Para isso utilizou, inclusive, a via judicial. Foi o caso das demissões ocorridas durante a vigência da garantia no emprego, pois elas foram revertidas judicialmente, tendo a CELESC que engolir algumas reintegrações.

PRODUTIVIDADE

Se para os celesquianos este foi um ano de lutas, para a Diretoria da empresa foi o ano da enrolação. O exemplo mais claro disso é o caso da produtividade de 1984, que já foi definida por todas as instâncias judiciais como um direito da categoria. Durante todo o ano a CELESC buscou desculpas para não pagar a sua dívida para com

os empregados.

Por várias vezes o Sindicato denunciou todas as manobras que a "gestão participativa" utilizou para retardar o pagamento deste direito. Hoje a questão continua na Justiça, na forma de uma ação de cumprimento, que vai assegurar o direito dos celesquianos.

DESMANDOS

Oitenta e oito foi na CELESC, também, um ano de desmandos. Diversas denúncias foram feitas (veja matéria neste jornal) sobre a estranha austeridade da Diretoria da CELESC: contratos milionários em OTNs, favorecimentos políticos, etc... Diante de tudo isso a postura da categoria foi de repúdio e de defesa da dignidade profissional; contra o nepotismo.

CAMPANHA SALARIAL

Mas foi durante a campanha salarial que a "gestão participativa" colocou à luz do dia toda a sua truculência. Os métodos utilizados para pressionar os empregados e fazer valer a proposta arrochante e nociva da diretoria da Empresa, causaram náuseas em toda a sociedade. As pressões levaram gente ao atendimento médico, ao stress e ao terror, mas as consciências não foram ofuscadas...

A denúncia do terrorismo implantado na CELESC

diante do Tribunal Regional do Trabalho causou a suspensão de um celesquiano para apuração de falta grave. Então a consciência da categoria emergiu mais uma vez: uma assembleia delibera que a própria categoria vai pagar os salários do companheiro punido, pois ele não defendia um interesse pessoal, mas coletivo.

GRANDE VITÓRIA

Os eletricitários da CELESC souberam enfrentar o autoritarismo. Não se curvaram. Após o julgamento do Dissídio pelo TRT uma assembleia que contou com a presença de mais de 80 chefias ignorou as pressões e deliberou pela greve em defesa da garantia do emprego e dos reajustes estabelecidos pelo Tribunal.

A greve acabou não se realizando em função dos resultados das assembleias do interior, onde as pressões acabaram interferindo no resultado final. Mas esta foi uma grande conquista: mostrar que a cabeça permanece erigida, mesmo diante da ferocidade mesquinha e reacionária.

Os celesquianos terminaram o ano mostrando que sua dignidade e sua consciência não foram subjugadas e que a luta vai continuar. Esta atitude deixou claro que a perspectiva para 89 é de muita luta... e certamente de uma grande vitória!

Na ELETROSUL a confirmação: quem luta conquista

Oitenta e oito foi um ano que jamais será esquecido na história da ELETROSUL. As teias de aranha das consciências mais adormecidas foram sacudidas por duas greves: uma contra a política econômica do governo e outra que acabou sendo contra a intransigência medíocre da diretoria da Empresa.

A segunda greve foi a que teve a virtude de mostrar com mais nitidez o espírito de luta dos eletricitários. A diretoria da ELETROSUL bateu um recorde de intransigência e a greve acabou mobilizando os mais diversos setores da sociedade em apoio aos grevistas.

Dentro da Empresa as greves estabeleceram um verdadeiro divisor de águas, não havendo mais espaço para o "murismo". Quem está ao lado dos trabalhadores está, quem ficou do outro lado, ficou.

MATURIDADE

Mas 88 serviu mesmo para ressaltar a maturidade de uma categoria que, contando apenas com a sua união, soube desafiar e derrotar inimigos tão poderosos. Na primeira greve uma política econômica, na segunda uma articulação ao nível do

executivo, que se mostrou disposta a derrotar os trabalhadores a qualquer custo.

Esta maturidade faz com que a mesquinha de alguns que protegem suas regalias fiquem ainda mais desprezíveis. Esta maturidade revela dignidade, elevando cada indivíduo à condição de sujeito da história, de artífice do futuro.

CONQUISTAS

O ano de lutas na ELETROSUL serviu, também, para reafirmar a velha máxima: quem luta conquista. Os empregados da ELETROSUL fecharam o ano com a garantia no emprego assegurada e com um acordo nas cláusulas econômicas em torno de 98%. Esta é a mais evidente demonstração da necessidade dos trabalhadores de um modo geral se organizarem e lutarem pelo que é seu.

RESGATE

Foi preciso fazer piquete. Foi preciso enfrentar pressões. Foi preciso fazer greve. Foi preciso fazer greve de fome. Foi preciso resgatar do fundo de cada um o que existe de mais nobre e solidário. Foi preciso lutar e foi possível vencer. E a luta precisa continuar...



Jair Meneguelli veio interceder pelos grevistas



Greve de fome: uma forma de luta

Em 89 estaremos mais solidários

Como foi o ano de 88 para os trabalhadores?

Eis aqui a opinião de algumas pessoas que estiveram extremamente envolvidas com a luta dos trabalhadores, neste agitado ano de 88

Cláudio Corradini, presidente da APROSUL

“O ano de 88 caracterizou-se por ser extremamente fértil em termos de desenvolvimento da consciência política, de união nas lutas trabalhistas e de avanços significativos na conquista de uma sociedade mais democrática e participativa”.

Fernando Barros, presidente do Sindicato dos Empregados da CASAN

“Ano difícil. A greve da ELETROSUL demonstrou que o direito de greve não é aceito. E o episódio de Volta Redonda demonstrou o que as classes dominantes entendem por democracia. O saldo de tudo isso demonstrou os limites de movimentos isolados. A questão agora é unificar de fato”.

Celso Vicenzi, presidente do Sindicato dos Jornalistas

“Este ano teve alguns avanços, mas logo a seguir ficou demonstrado que avanços jurídicos não bastam, os trabalhadores precisam se organizar para fazer valer, caso contrário não vão passar de letra morta”.

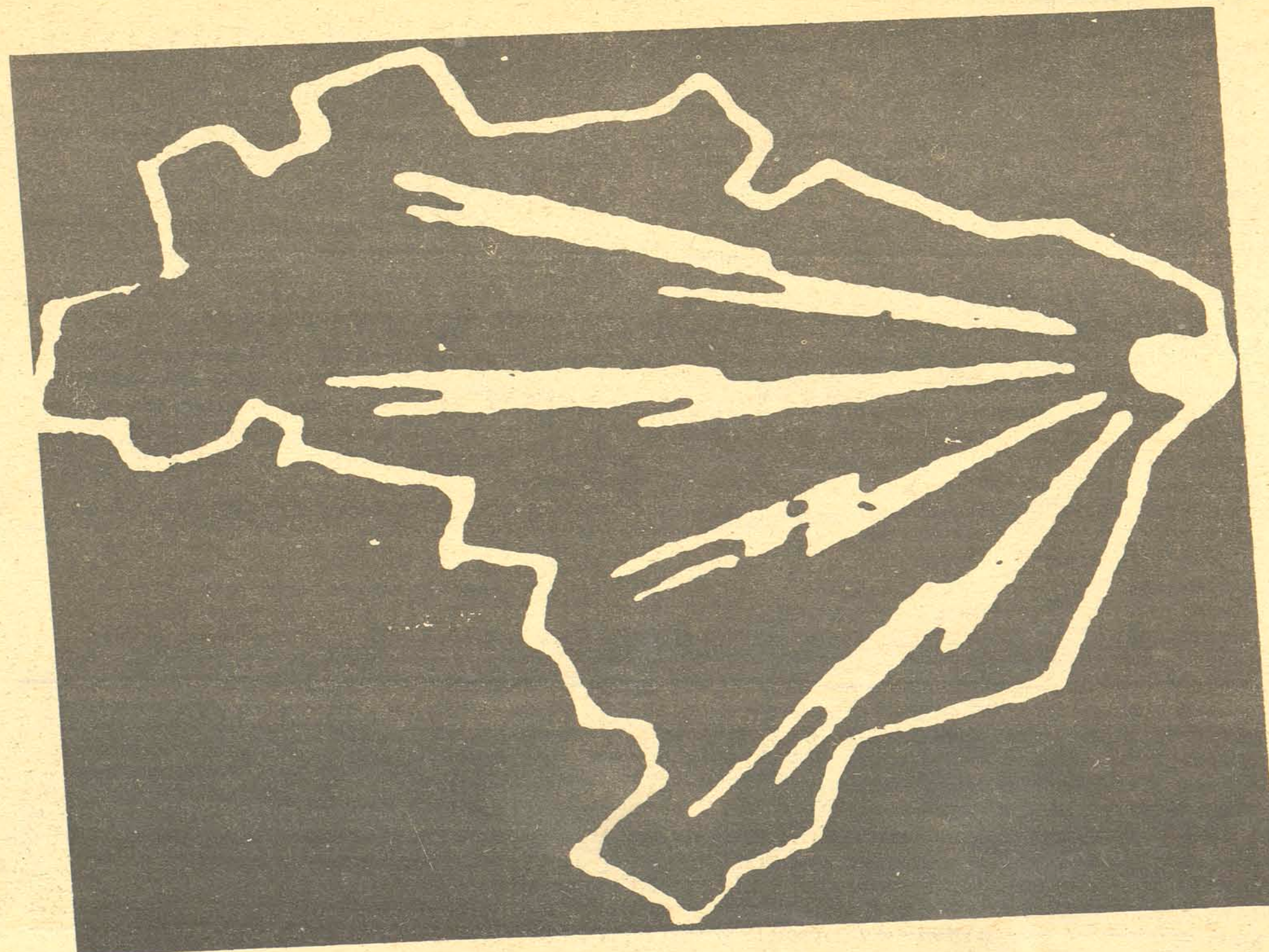
Antônio Battisti, presidente do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público do Estado de Santa Catarina - SINTESPE

“Para os servidores estaduais foi um dos piores anos, com um acúmulo de defasagem de 230%. Mas também foi um ano de avanços políticos com a vitória dos trabalhadores em alguns municípios, elegendo candidatos do PT. O ano em que mais se fez greve: um ano de resistência, de combatividade contínua”.

Samuel Pantoja, presidente do Sindicato dos Bancários de Florianópolis

“88 é sinônimo de uma constituição aquém do mínimo necessário, cujas páginas foram rasgadas e manchadas com o sangue operário da Companhia Siderúrgica Nacional, pelas mãos dos assassinos fardados; 88 é sinônimo do III Congresso Nacional da CUT, luta de 5 anos por um novo sindicalismo, colocada a serviço da transformação social; 88 é marca de eleições municipais em que centenas de eleitores disseram não à corrupção, ao governo Sarney e ao autoritarismo; 88 é também símbolo da maior inflação de toda história do país, do aprofundamento da miséria e do arrocho salarial, a mando dos banqueiros internacionais; 88 é mais um ano em que a Reforma Agrária passou “batido” e a UDR, sob proteção policial continuou matando no campo”.

Articulação Nacional dos Urbanitários foi consolidada em 1988



Este ano foi marcado pelo avanço da organização dos Urbanitários. Foi consolidada a Articulação Nacional dos Urbanitários, envolvendo praticamente todas as entidades ligadas a trabalhadores em serviços urbanos.

É verdade que ainda falta organicidade à Articulação, mas foi um avanço significativo reunir as entidades para discutir a unificação das lutas dos urbanitários de todo o país.

Os resultados já foram sentidos. As várias greves de urbanitários (especialmente eletricitários) que ocorreram no final do ano foram unificadas pela pauta elaborada em conjunto pelos sindicatos integrantes da Articulação.

O próximo ano deve ser o ano da unificação definitiva dos urbanitários. Já ficou provado que os movimentos isolados não são suficientes para dobrar a política do governo e defender a totalidade dos interesses dos trabalhadores. No início de janeiro a coordenação da Articulação vai se reunir para avaliar as ações de 88 e preparar as atividades de 89.

A campanha unificada dos urbanitários é um objetivo a ser perseguido no novo ano, um sonho a ser concretizado com base na consciência da categoria em todo o país.

Em 89 estaremos mais conscientes

Um ano de denúncias

Privilégios, pressões, Comando Delta, Contratos Milionários... Ninguém pode negar que no ano de 88 CELESC e ELETROSUL forneceram um farto material para denúncias. Todas que puderam ser comprovadas tiveram seu espaço garantido no LINHA VIVA. Algumas "valem a pena ver de novo".

Empréstimo "felipão"

Já na segunda edição o LINHA VIVA denunciava — "Privilégio na ELOS". A Fundação concedeu um "empréstimo especial" de trezentos e vinte mil cruzados (isso em dezembro de 87) ao assessor administrativo da ELETROSUL, Luiz Felipe Reis de Barros. Valor equivalente a 2,2 salários máximos da Empresa, algo que hoje equivale a Cz\$ 3.780.000,00. Felipe justifica seu pedido, num roubo de quatro mil dólares em viagem.

Em contrapartida a mesma Fundação negou pedidos de empréstimos a empregados que necessitavam viajar ao exterior por questões de saúde e tratamentos especiais. Outro detalhe contundente é que a liberação das verbas foi feita por um Conselho de Curadores da qual Luiz é membro.

Menos de um mês depois Luiz Felipe é demitido e seus bens são penhorados por motivo de roubo. Os dois fatos não têm ligação.



Segurança no trabalho

No jornal nº 18 a denúncia era feita: CELESC não está cumprindo as normas de Segurança e Medicina do Trabalho: faltavam técnicos de segurança e por isso vários acidentes estavam ocorrendo, alguns fatais.

O fato foi comunicado ao Ministro do Trabalho, Secretário de Segurança e Medicina do Trabalho e ao Delegado

Regional do Trabalho. Uma semana depois a CELESC era notificada pela Delegacia Regional do Trabalho por irregularidades de segurança e medicina. Logo as agências tiveram que

contratar profissionais de segurança e instalar materiais e equipamentos nas agências de Tubarão, Rio do Sul, Joinville e Blumenau.



Comando Delta, a repressão

Numa operação digna de filme policial, a ELETROSUL acionou no dia dois de maio o "Comando Delta". O assunto abriu a página do LINHA VIVA nº 11 e voltou a ser citado no nº 33, numa matéria sobre a greve de novembro.

O esquema montado foi o seguinte: diversas chefias foram deslocadas para estarem presentes em todas as áreas e assim pressionar os empregados a não realizarem nenhuma espécie de mobiliza-

ção. Para tal eles viajavam armados e ficavam em hotéis separados, para evitar seqüestro. Essa brincadeira mobilizou 35 veículos da empresa, táxis aéreos, ônibus leito e muita diária.

Depois disso a participação do Comando Delta ainda foi percebida nas greves de julho e novembro. Quando, principalmente na de novembro, as chefias espalharam o terror entre os empregados e seus familiares.



Favorecimento Político

Favorecimento político na CELESC, era o que dizia em letras garrafais o jornal nº 29 e o que comprovava um documento assinado pelo secretário Extraordinário de Ciência, Tecnologia, Minas e Energia, Odilon Salmória. Na carta dirigida à presidenta do PMDB, Anita Pires, Odilon prestava contas de algumas solitações de promoção na

CELESC, mostrando claramente os critérios da empresa para promover empregados e administrar recursos humanos.

O documento afirmava que o ex-vice-presidente do sindicato, João Vieira, não havia sido promovido devido à sua participação na greve, "deixando de merecer a confiança da diretoria".

Pressão comprovada

Foi uma boa obra do destino vir junto com o abaixo-assinado da CELESC, no qual os empregados concordavam com a proposta da Empresa, uma "prestação de contas" do Departamento de Administração. Isso permitiu comprovar as denúncias de pressões e divulgar as denúncias no LINHA VIVA nº 30.

Na "prestação de contas" era descrita a adesão do Departamento,

colocando quem tinha assinado ou não o abaixo-assinado e alguns porquês. Com isso ficava clara a intenção da CELESC de perseguir as pessoas que não cederam às pressões.

Estas pressões foram novamente denunciadas no TRT durante audiência de negociação por dois empregados que afirmaram ter assinado o documento sob coação.

Contratos Milionários

No LINHA VIVA nº 31 aparecia a denúncia do primeiro de uma série de contratos milionários que a CELESC estava realizando, todos pagos em OTN, muitos deles com parentesco bem próximo de diretores da Empresa. Um exemplo claro de austeridade da "Gestão Participativa".

Eis aqui alguns deles: — Erick Carlos Korb vai prestar consultoria na área de ensino e treinamento, ao preço de 172 OTNs por mês.

— Master Consultoria Ltda. prestou asses-

soria técnica e econômica para obtenção de recursos junto a governo e empresas de outros países por 500 OTNs.

— Arlene Hosse Bugmann vai prestar até março de 89 serviço de consultoria e atividades de desenvolvimento de recursos humanos por 2.880 OTNs.

— Mário César Cubas prestou serviços técnicos especializados como consultor Administrativo do Centro de Desenvolvimento de Biotecnologia do Município de Joinville por 2.040 OTNs.

Em 89 estaremos firmes

O ano em que o Brasil ia mudar

Oitenta e oito era para ser o ano em que o Brasil ia mudar... mas ele não mudou. Quem alimentou esperanças de ver um novo Brasil a partir da nova constituição acabou frustrado. Na verdade a Constituinte foi um "parque de diversões" para os lobbies de empresários, banqueiros e latifundiários. As reivindicações dos trabalhadores, na sua maior parte, ficaram de lado.

Tudo foi preparado para dar no que deu. A eleição de uma maioria conservadora para o Congresso Constituinte foi garantida por "caixinhas" abastecidas por empresários e pela UDR (União Democrática Ruralista). Além disso, a própria legislação eleitoral ajudou a formar o perfil conservador da Constituinte.

Mas ninguém pode dizer que o povo não quis participar. Milhares de emendas populares, assinadas por pelo menos 30 mil eleitores cada uma, foram enviadas para a Constituinte. Hoje elas estão nas prateleiras do Congresso Nacional e bem longe das páginas da Constituição. Nenhuma delas foi aprovada na nova Carta.

BANDEIRAS

As principais bandeiras dos trabalhadores foram ignoradas. A reforma agrária não saiu, a estabilidade no emprego ficou no meio do caminho, a liberdade sindical e autonomia sindical foi negada, a jornada de trabalho de quarenta horas semanais não passou e o direito de greve deverá ser retalhado em legislação ordinária.

Os avanços obtidos foram mingua-dos e ainda dependem de legislação ordinária. Na sua maioria são direitos reconhecidos em outros países há mais de quarenta anos. A pressão popular com passeatas, atos públicos, caravanas à Brasília, abaixo-assina-dos, etc... não foi suficiente para sensibilizar os deputados e senadores que preferiram os acertos no acon-hecho dos gabinetes, sempre emba-lados pela "lucrativa" cantilena dos lobbies.

O ano do desgoverno

Quem governou o Brasil em 88? Eis uma pergunta difícil de responder. É fácil saber que os interesses que dominaram o país foram os dos banqueiros internacionais e nacionais, dos grandes empresários e latifundiários. Mas quem governou?

Entre uma viagem e outra Sarney "foi levando" seu desgoverno de crise em crise. Com um verdadeiro entra e sai de ministros, o barco do Planalto ficou a maior parte do tempo à deriva e por vezes quase afundou. Só não foi à pique porque o desgoverno interessa a alguns, principalmente aos que não querem assumir a "paternidade" do governo. Tanto que a Constituinte deu cinco anos para o nosso poeta-Presidente.

Seria cômico se não fosse trá-

CONSTITUIÇÃO RASGADA

Na verdade a Constituição já mostrou que vai ter vida curta, se é que ainda não morreu. O próprio Procurador Geral da República se encarregou de "rasgar" algumas páginas com seus pareceres que liquidaram o tabelamento dos juros, por exemplo. Os direitos trabalhistas conquistados, como a licença paternidade, na maioria dos casos não são cumpridos. O direito de greve é ameaçado por empresas como a ELETROSUL sob a cumplicidade do próprio ex-presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães.

Ocorre que está Constituinte foi uma encenação para legitimar o poder dos que sempre mandaram. Por isso ela tem um fôlego curto e, em breve, vai virar letra morta, sendo a sua legalidade superada pela legitimidade das ações de massa. Em outras palavras as leis acabam sendo sempre um mero referencial jurídico, superado sempre pela própria história.

E AGORA 89?

Se 88 foi um ano com muita agitação, 89 não vai ser diferente. Os trabalhadores vão ter que estar de olho nas votações das leis complementares, pois elas é que vão dar o "último toque" na Constituição. Nestas votações os deputados e senadores vão definir coisas fundamentais como o direito de greve nos serviços essenciais, entre outras.

Depois de quase três décadas, em 89 o Brasil vai ser chacoalhado com uma eleição presidencial - as tão sonhadas Diretas. Uma ocasião onde vários projetos de sociedade vão estar em confronto. Os trabalhadores deverão estar atentos e participativos em todos os debates, apresentando aos candidatos as suas propostas e checando os compromissos de cada um com as bandeiras de luta dos que constroem a riqueza e o progresso efetivamente.

gico. Mas o filho do colégio eleitoral vai ficar mais um ano. E ninguém pode cobrar dele um compromisso que ele não tem com a população, saiu do colégio eleitoral e ao nada retornará.

Enquanto isso Santa Catarina conviveu com a truculência do governo Pedro Ivo. Polícia reprimindo trabalhadores, arrocho salarial e promessas não cumpridas, além de uma "austeridade" muito estranha. É um governo do qual se tem pouco a dizer: repressão, corrupção e arrocho diz tudo. No final do ano, doente, o Coronel se afasta do cargo deixando um vice sorridente que pretende "mudar a cara" do governo. Mas a cara não é o único problema, a questão é o seu conteúdo...



Querem combater a inflação sem atacar suas causas reais

Durante todo este ano muito se falou em pacto social. Envolvidos em conversas sobre o assunto Governo, empresários e sindicalistas de combatividade duvidosa, trocaram receitas sobre como acabar com a inflação, mas jamais pensaram em atacar as verdadeiras origens do monstro.

Na verdade as tentativas de pacto não passam de buscas de fórmulas para salvar o capitalismo no país. Mas qualquer observador mais atento percebe que o grau de internacionalização de nossa economia é tão grande que as causas responsáveis pela crise econômica não estão aqui dentro: são os dólares que vão mensalmente para o exterior, como pagamento da dívida externa.

Aqui dentro, é verdade, o déficit público pesa bastante na inflação, mas as suas causas nunca são atacadas. A culpa recai sempre sobre os empregados de estatais e do serviço público que "ganham demais". Enquanto isso os subsídios, os escândalos financeiros, as negociatas e os favorecimentos corruptos seguem tranquilos.

INTERESSES

Mas afinal, que interesses movem o governo, os empresários e os trabalhadores na discussão sobre um pacto? O LINHA VIVA foi buscar esta resposta junto ao coordenador técnico do DIEESE em Santa Catarina, Afrânio Boppré, e apresenta uma síntese do que cada segmento quer do pacto.

PATRÕES — Para os empresários o principal objetivo é defender os 60 bilhões de dólares que eles têm aplicados na especulação e que deveriam ser injetados no setor

produtivo. A hiperinflação reduziria ao pó o seu dinheiro, uma vez que a moeda perderia a sua finalidade enquanto instrumento de intermediação na relação compra e venda. Em outras palavras, para os empresários a inflação controlada dá lucro e a hiperinflação causa prejuízo.

GOVERNO — O principal objetivo do governo ao participar do pacto é conseguir estabilidade política para acabar o seu mandato. Mas do ponto de vista econômico a opção pela cartilha do Fundo Monetário Internacional já foi feita. O discurso sobre a retomada do crescimento econômico é uma adaptação mal feita das instruções do FMI.

TRABALHADORES — Para os trabalhadores um pacto não passa de uma medida paliativa, que sempre acaba complicando o futuro (ver Plano Cruzado). De um modo geral os interesses dos trabalhadores não são contemplados nos pactos. Os patrões e o governo desejam que os trabalhadores participem dos pactos comprometendo-se a não fazer greve, ou seja, abdicando da sua única arma. Aos trabalhadores só interessa uma política econômica que rompa com o FMI e não pague a dívida externa.

FRACASSO

Por fim, vale lembrar que a última tentativa de pacto, embora alguns ainda acreditem nela, naufragou completamente. Toda aquela história sobre listas de preços deu em nada: em novembro, conforme o DIEESE, a cesta básica de ração essencial subiu acima dos 30%, colocando por terra as pretensões da Comissão do Pacto.

Em 89 a luta continua